



Alexandra Manes

16 Dias de Ativismo pelo fim da Violência

Contra as Mulheres

Somos netas das bruxas que queimaram

O dia 31 de outubro, denominado como “Dia das Bruxas”, é um dia cuja história, muitas vezes, passa despercebida. Entre o “doce ou travessura”, os disfarces e os filmes de terror, nem sempre questionamos o seu fundamento. Recuando às suas origens, e de acordo com algumas historiadoras, deparámo-nos com um ritual pagão Celta, para o qual, alguns registos apontam a celebração do fim das colheitas, com uma profunda conexão à terra, que lhes dava o alimento, e para uma ligação ao mundo sobrenatural, com a oferta de bens aos entes falecidos e aos deuses, bem como pedidos para a proteção, durante o Inverno.

Com a conversão gradual ao cristianismo na Europa, estas celebrações alteraram-se, devido à sua proibição, onde templos foram destruídos e as pessoas que as praticavam eram perseguidas, nomeadamente no processo de caça às bruxas. Contudo, algumas localidades reformularam essas celebrações de forma a converter a população.

Silvia Federici, no seu livro “Calibã e a Bruxa”, aborda forma como a caça às bruxas foi um processo histórico, que teve como objetivo reprimir o poder e a autonomia das mulheres, especialmente no controlo sobre o seu corpo, a reprodução e o conhecimento popular, revelando que o sucedido, foi sustentado por uma campanha ideológica e religiosa misógina, conduzida, essencialmente, pela igreja, através da inquisição e de bulas papais que incentivavam a perseguição.

No entanto, este movimento esteve associado à consolidação do patriarcado e à formação do sistema capitalista, pois a caça às bruxas contribuiu para confinar as mulheres à reprodução e ao trabalho não remunerado do lar, desvalorizando o trabalho feminino, não tendo sido um episódio isolado da ida-

de média. Fez parte do nascimento da Idade Moderna, concebido como um projeto de poder, que ajudou a organizar o mundo capitalista e patriarcal que conhecemos.

A bruxaria foi uma invenção cultural que destruiu formas coletivas de vida feminina, saberes tradicionais e relações de solidariedade, enfraquecendo a resistência das mulheres contra o sistema que levaria à submissão feminina, do patriarcado.

Mas, quem eram as bruxas que queimaram? Eram mulheres! Não queimaram bruxas, mas sim, mulheres que dominavam saberes medicinais, curandeiras, parteiras e líderes espirituais. Mulheres que sabiam acercado corpo e da Terra. Foram transformadas em inimigas, mulheres insubmissas que desafiavam as normas sociais e religiosas.

De acordo com algumas historiadoras, a figura da bruxa que conhecemos - uma mulher velha com um chapéu pontiagudo -, advém das mulheres fabricantes de cerveja que trabalhavam fora do lar, num sistema de cooperativa que se opunha ao que a economia capitalista pretendia consolidar. No entanto, foi-lhes associada uma vassoura, não com a simbologia de liberdade, mas sim, como um instrumento associado ao papel de género, servindo ao estigma de que o papel da mulher é o de cuidar do lar.

Hoje, as fogueiras são outras. Queimam em lume brando, sempre que se promovem ações discriminatórias, seja em letra da Lei ou em vídeos virais.

Bruxas nos querem, bruxas seremos!

Campanha 16 Dias pelo Fim da Violência contra as Mulheres 2025

Diocese prepara visitas pastorais para revitalizar comunidades e reforça importância das estruturas sinodais

Visitas pastorais serão o motor de um processo mais amplo de renovação pastoral. Diocese entra numa “fase decisiva” de implementação de estruturas sinodais e formação de leigos seguindo as orientações da carta pastoral de D. Armando Esteves Domingues

As visitas pastorais agendadas para 2026 às ouvidorias de Vila Franca do Campo, em Abril, Fenais da Vera Cruz em Outubro e Capelas em Novembro, todas de São Miguel, surgem como a principal novidade anunciada após a reunião dos ouvidores da Diocese de Angra, realizada esta semana em Ponta Delgada, conforme notícia a Igreja Açores.

Segundo o Vigário Episcopal para o Clero, padre José Júlio Rocha, estas visitas não serão “apenas a visita do bispo”, mas antes momentos estratégicos de revitalização das comunidades paroquiais e inter-paroquiais no arranque de um ciclo pastoral “exigente e transformador”, centrado na implementação de estruturas de sinodalidade e na formação de leigos.

As ouvidorias envolvidas já começaram a preparar datas e programas, que incluem assembleias abertas aos movimentos, conselhos pastorais e económicos e a todos os fiéis interessados. O objectivo é promover pro-

cessos de “conversação no Espírito”, aprofundando o papel das comunidades no caminho sinodal da Diocese, numa iniciativa que será articulada com a Equipa Sinodal diocesana e a coordenação pastoral.

“Este apontamento de D. Armando Esteves Domingues relativo à forma como quer as preparações remota e próxima das visitas foi muito importante na medida em que vincou a importância de realização de assembleias alargadas de forma a pensar, sobretudo, o futuro e assim dar um impulso significativo à renovação da Igreja” referiu por seu lado o padre Vítor Medeiros, que secretariou a reunião e que agora se encontra em São Jorge, a segunda ouvidoria a receber a visita pastoral do bispo de Angra, em Dezembro do ano passado.

“O senhor Bispo deixou claro o cunho vincadamente sinodal que quer introduzir nestas visitas em ordem a uma renovação pastoral verdadeira para sabermos o que somos, o que temos efectivamente no terreno e como poderemos desenhá-lo no futuro”, enfatizou o sacerdote.

Na ilha de São Miguel há ainda a possibilidade de uma quarta visita à ouvidoria da Lagoa, no primeiro trimestre do ano de 2026, mas a proximidade da data e a existência de um calendário exigente durante a Quaresma

não permitiu decidir se esta visita tem condições para ser realizada no próximo ano. Definido, ficou, por outro lado, que em 2027 haverá visita pastoral às ouvidorias do Nordeste, Ribeira Grande e Ponta Delgada, adiantou ainda o sacerdote.

Durante o encontro, foi ainda dado um passo decisivo na implementação das estruturas de sinodalidade propostas por D. Armando Esteves Domingues na carta pastoral Baptizados na Esperança. Uma das prioridades é a criação e funcionamento pleno dos Conselhos Pastorais Paroquiais, cuja ausência é um problema identificado “há mais de 30 anos” na Diocese.

D. Armando Esteves Domingues determinou que estes conselhos passem a ser obrigatórios em todas as paróquias, ouvidorias e unidades pastorais até ao final deste ano, reforçando a participação dos baptizados na vida da Igreja.

Outro tema central foi o reforço dos Centros de Preparação para o Baptismo, que ganham destaque no primeiro triénio do percurso pastoral dedicado a este sacramento. O padre José Júlio Rocha sublinha que a preparação deixa de ser “apenas litúrgica”, passando a integrar dimensões teológicas, pastorais e familiares, para que os cristãos vivam o Batismo “como identidade

e vida da própria Igreja e não apenas como rito”.

Os ouvidores discutiram também a criação de escolas de formação, tanto a nível de cada ouvidoria como a nível diocesano. Para o Vigário Episcopal, formar leigos é “urgente” para que estes deixem de ocupar um papel secundário e se tornem colaboradores “activos e de primeira instância” na vida da Igreja, evitando que fiquem “na retaguarda ou afastados da vida da Igreja”.

“A prioridade passa por torná-los colaboradores activos e de primeira linha”, afirmou em declarações ao Sítio Igreja Açores.

Por fim, o encontro reflectiu sobre a piedade popular, considerada essencial na vida espiritual do povo. A conclusão foi clara: a pastoral da Igreja deve “ir ao encontro da piedade popular, e não o contrário”, reconhecendo a sua força evangelizadora e o protagonismo dos leigos nas práticas de devoção.

O padre José Júlio Rocha sublinha que estas práticas “nascem do povo, têm vida própria e são expressão de fé dos leigos”, podendo até servir de inspiração para a liturgia e pastoral oficiais. Defendeu ainda que a relação entre a Igreja institucional e a piedade popular deve assumir carácter permanente e estruturado.